

Frederick Douglass

Apresentação

Qual interesse nós, brasileiros, poderíamos ter na autobiografia de um homem que foi escravizado nos Estados Unidos e que viveu e morreu há dois séculos?

Essa pergunta pode ser respondida de duas formas. A primeira, sob uma perspectiva acadêmica, ressaltaria a importância para o estudo da história de relatos feitos em primeira pessoa por indivíduos que sentiram no corpo e na alma a força da escravidão. Já a segunda resposta nos levaria a enfatizar a relevância do autor e a sua dimensão histórica. E, nesse caso, Frederick Douglass é um dos homens cuja trajetória pode ser classificada como uma das mais impressionantes da história mundial.

É importante ressaltar que Douglass não é apenas um personagem cuja relevância se reduz à história dos Estados Unidos. Trata-se de um homem cujas ideias e ações possibilitaram uma maior compreensão do mundo em que hoje vivemos e que deixou relatos que nos permitem assistir a como funcionavam as sociedades escravocratas.

Diante disso, é possível elencar ao menos dois argumentos que demonstram o quão fundamental é o conhecimento acerca da vida e da obra de Frederick Douglass.

O primeiro argumento é que, em sua obra, Douglass nos apresenta o pacto social que havia em torno da escravidão. Na *Autobiografia* aprendemos, por meio de seu olhar, de que modo as sociedades construídas sobre o trabalho escravo firmaram, a exemplo do que ocorreu no Brasil, um pacto de todos contra os escravizados, pacto este que está na composição das instituições jurídicas, das instituições políticas e na vida cotidiana. Ao expor a forma como, diante de tal

situação, a subjetividade de seu autor foi moldada, acessamos as contradições existentes em sociedades fundadas sobre os princípios do liberalismo e do republicanismo, mas que nem a liberdade que apregoavam e nem o republicanismo que defendiam poderiam se estender a todos os indivíduos, e por um motivo bem simples: eram sociedades que orbitavam econômica, política e culturalmente em torno da escravidão.

O caminho da liberdade seguido por Frederick Douglass revela-nos as tortuosas linhas com que foi projetado o edifício das sociedades contemporâneas, ao mesmo tempo em que nos permite acessar o medo, a angústia e a força de um homem submetido à escravidão:

Sempre me perguntam como eu me senti quando me encontrei em um estado livre. Nunca fui capaz de responder à questão de forma que me satisfizesse. Foi um momento da maior excitação o que experimentei. Suponho que me senti como se pode imaginar que o marinheiro desarmado se sente ao ser resgatado por um soldado amigo da perseguição de um pirata. Ao escrever a um amigo querido, imediatamente após minha chegada a Nova York, eu disse que me sentia como alguém que tivesse escapado do covil de leões famintos. Esse estado de espírito, no entanto, foi logo posto de lado; fui de novo atacado pela sensação de grande insegurança e solidão.

O segundo argumento é a imprescindível contribuição de Douglass para os principais debates intelectuais de seu tempo, seja como político, seja como jurista. Douglass foi um dos mais importantes intelectuais da história americana e esteve envolvido até mesmo em discussões acerca das relações dos Estados Unidos com os países da América Latina, caso do Haiti e mesmo do Brasil.¹

Outro importante debate de Douglass é sobre o sentido da Constituição norte-americana. Frederick Douglass² polemiza não apenas com os sulistas defensores da escravidão e que consideravam que aos negros não se admitia a cidadania (posição esta ratificada pela Suprema Corte no famoso e – vergonhoso – caso Dred Scott).³

Douglass diverge até mesmo daqueles que se posicionavam contra a escravidão, como é o caso do presidente dos Estados Unidos Abraham Lincoln⁴ (de quem Douglass foi conselheiro) e do abolicionista William Lloyd Garrison,⁵ e assume a posição de que a escravidão não é apenas um problema político ou ético, mas também um *problema jurídico-constitucional*.⁶ Com muita sofisticação, Douglass aponta, com base no preâmbulo e na Declaração de Independência, que a Constituição Americana não pode ter outro sentido jurídico senão a plena garantia da liberdade humana, razão pela qual erravam aqueles que consideravam que a escravidão não era um problema constitucional ou que, como Garrison, viam no texto da Constituição a base para o regime de servidão. O debate entre Garrison e Douglass ainda é motivo de análise pelos estudiosos do direito constitucional.

Termino dirigindo-me especialmente aos leitores brasileiros que têm a oportunidade de tomar contato com a *Autobiografia*, esperando que Frederick Douglass nos sirva de inspiração para que voltemos os olhos para a obra de um brasileiro, cuja trajetória é tão grande quanto a de Douglass: Luiz Gama.⁷ Luiz Gama e Douglass carregam em suas respectivas vidas as marcas da escravidão e também da luta pela liberdade. Ambos foram capazes de, nas suas singularidades históricas, nos ensinar que a luta pela liberdade individual é inseparável da luta pela emancipação de toda a humanidade.

Silvio Luiz de Almeida
Doutor em Direito,
Professor e Advogado

¹ Ver Brito, Luciana da Cruz. “O Brasil por Frederick Douglass: impressões sobre escravidão e relações raciais no Império”. *Estud. av.*, São Paulo, v. 33, n. 96, p. 199-222, ago. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142019000200199&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 mar. 2021.

² Lerner, Craig S. “Saving the Constitution: Lincoln, Secession, and the Price of Union.” *Michigan Law Review*, v. 102, n. 6, 2004, p. 1263-1294. Ver também

Tribe, Laurence H. *America's Constitutional Narrative*. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/23240299>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

- ³ No caso “Scott vs. Sanford”, de 1857, a Suprema Corte Americana decidiu que as pessoas de ascendência africana, ou seja, os escravizados e seus descendentes, não poderiam ser considerados cidadãos dos Estados Unidos.
- ⁴ Ver Breiseth, Christopher N. “Lincoln and Frederick Douglass: Another Debate”. *Journal of the Illinois State Historical Society (1908-1984)*, v. 68, n. 1, 1975, p. 9-26.
- ⁵ William Lloyd Garrison (1805-1879) jornalista e abolicionista nascido nos Estados Unidos. Foi editor do jornal abolicionista radical *The Liberator* e um dos fundadores da Sociedade Abolicionista Norte-Americana.
- ⁶ Ver Fanton, Marcos; Maia, Tatiana Vargas. O significado do 4 de julho para o negro, de Frederick Douglass. *Civitas, Rev. Ciênc. Soc.*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. e27-e59, ago. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-60892017000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- ⁷ Luiz Pinto da Silva Gama (1830-1882) foi jurista e jornalista, um dos maiores líderes abolicionistas do Brasil. Luiz Gama foi escravizado até os dez anos de idade após ser vendido pelo próprio pai como pagamento de uma dívida de jogo. Anos depois, segundo o próprio narra, “conseguiu provas inconcussas de sua liberdade” e teve sua liberdade reconhecida pelo judiciário. Como advogado foi responsável por ações judiciais que culminaram na libertação de centenas de pessoas escravizadas. Para mais ver: Ferreira, Lígia. *Com a palavra, Luiz Gama*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2011.

Nota do editor

Nos últimos anos, alguns professores e pesquisadores brasileiros têm substituído o termo “escravo” por “escravizado”, com o objetivo de mostrar essas pessoas como sujeitos de sua história, não como objeto passivo.

Mantivemos aqui o termo “escravo” para traduzir “slave” e “pessoas escravizadas” para “enslaved person/people”, a fim de evitar o anacronismo. Ambos os termos já existiam no século XIX, em inglês e português. Pensamos que textos de autores contemporâneos da escravidão devem ser mantidos com o vocabulário usado na época. Seja no caso de tradução, como neste livro, seja em textos de Machado de Assis, José do Patrocínio, Cruz e Souza ou Joaquim Nabuco, para ficarmos em alguns exemplos.

Algumas publicações recentes, como o *Dicionário da escravidão e liberdade*, organizado por Lilia M. Schwarcz e Flávio Gomes (Companhia das Letras, 2018), também usam ambos os termos. Não abolem o uso de “escravo”, mas repensam a palavra e procuram outro termo a ser usado nos textos escritos em nossa época.

No texto de Frederick Douglass, o peso da palavra “escravo” é intencional, justamente pelo impacto que ela produz ao coisificar pessoas. E ele deixa claro o que significa para ele e para toda a população de pessoas escravizadas, já libertas ou ainda em cativeiro: uma situação indefensável do ponto de vista moral, filosófico, jurídico ou religioso. Já no texto de juventude da *Autobiografia*, assim como na “Carta a seu antigo dono” e no discurso sobre o significado do 4 de julho para os escravos, Douglass faz uso consciente do termo, até com

certa agressividade. O final da carta é muito eloquente: “Sou seu semelhante, não seu escravo!”.

Introdução

Consideramos estas verdades evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, que são dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, entre os quais estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade.

Declaração de Independência dos Estados Unidos da América (1776)

A escravidão foi introduzida nos Estados Unidos desde o início da colonização do território. O ano 1619 marca a primeira importação de escravos para a colônia da Virgínia, e por isso a data é considerada o início da escravidão como sistema legalmente estabelecido no país. A instituição perdurou por 246 anos, sobrevivendo ao movimento pela independência e à promulgação da Constituição (e à Carta de Direitos, que constitui suas 10 primeiras emendas), até sua abolição, em 1865, quando foi acrescida a 13ª Emenda à Constituição. A legislação segregacionista, criada como resposta dos escravistas à abolição, estendeu a restrição de plenos direitos até 1968, elevando o total a 349 anos de legislação com claras restrições de direitos aos negros.

Pode-se dizer que a exclusão de negros e índios na formação da nação é considerada a raiz dos problemas sociais norte-americanos – seu “pecado original”, para usar a terminologia religiosa tão cara a esses pioneiros e ainda em pleno vigor. Desde a Revolução Americana e o movimento pela independência da Inglaterra, a questão da escravidão era ponto importante: alvo de acaloradas discussões e motivo de acordos e concessões – tudo em nome da unidade da federação que se constituía. Os autores do documento que clama pela liberdade de todos os povos e pelo direito à “busca da felicidade” estavam bastante conscientes da incoerência de exaltarem esses belos valores enquanto mantinham outros seres humanos como escravos. Alguns se incomodavam com isso; outros pensavam que era assim mesmo que o mundo se organizava.

Os chamados “pais fundadores”, os líderes do movimento de independência e posteriormente principais autores da Constituição e da Carta de Direitos, eram quase todos donos de escravos: George Washington, Benjamin Franklin, James Madison, Thomas Jefferson, Patrick Henry. Dos 56 signatários da Declaração de Independência, 41 eram proprietários de escravos. George Washington, por exemplo, primeiro presidente do novo país (de 1789 a 1797), possuía 317 escravos ao morrer e estabeleceu em seu testamento que eles seriam libertados após a morte de sua esposa. Pesquisadores afirmam que ele desenvolveu crescente consciência contrária à escravidão, mas não tomou medidas drásticas por receio de abalar a ainda frágil federação que se formava.

A Constituição norte-americana, redigida em 1787 e ratificada no ano seguinte, evita a palavra “escravidão”, mas o documento permite que ela continue existindo e garante claramente os direitos dos proprietários de escravos. O artigo I, seção 9, cláusula 1 diz que o tráfico de escravos não poderá ser suspenso antes de 1808, quando o Congresso terá poderes para suspendê-lo. O direito de donos de escravos de capturar escravos fugitivos, mesmo em outros estados, é estabelecido em seu artigo IV, seção 2, cláusula 3. Também reconhece a existência de escravos ao tratar da contagem de população para determinar a distribuição de cadeiras no parlamento: fala em “pessoas livres” e considera a população de “não brancos”; índios são expressamente excluídos da contagem, e cada escravo negro (“*other persons*”) valeria 3/5 de uma pessoa. Esse método de contagem de população é uma clara concessão aos escravagistas, aumentando desproporcionalmente seu poder no congresso (e na eleição do presidente) por meio de um artifício incoerente: os escravos eram contados, mas não tinham direitos de cidadania.

O conhecimento da narrativa de Douglass para o leitor brasileiro é muito interessante, pois permite pensar em termos comparativos a história da escravidão nos dois países. Há muitas semelhanças e

diferenças a serem consideradas, que iluminam (e tornam mais complexas) essa história: o tamanho dos territórios; a situação de colônias que se tornam independentes de suas metrópoles; a importância econômica e social da importação de seres humanos como escravos; a intensidade e as formas de tráfico de pessoas em larga escala; o recurso à reprodução interna de pessoas escravizadas como forma de substituir o tráfico; a resistência à escravidão por suas vítimas; o movimento pela abolição; as lutas por reformas da legislação para acabar com a instituição da escravidão; o grande número de habitantes que são descendentes de escravos (e de escravocratas convictos); as tentativas de apagamento do passado escravocrata; os racismos e preconceitos que ora se sustentam pela ascendência, ora pela cor da pele; o colorismo, proveniente das mestiçagens; as amplas consequências sociais que fazem da escravidão algo sempre presente e ainda nada superado nos dias atuais.

No Brasil e nas colônias portuguesas tivemos um processo muito anterior no sentido da escravidão e do código negro. Os portugueses, tendo sido os primeiros a adotar a escravidão negra, também foram pioneiros na criação de leis que permitiam o abuso. As ordenações manuelinas datam de 1514. O Black Code, que primeiramente legalizou a escravidão nos Estados Unidos, foi aprovado na Virgínia em 1688. Esse é um dado nada negligenciável. São mais de 160 anos entre a primeira apreensão de negros guinéus na cidade de Lagos (1482) e o início da colonização nos Estados Unidos (1619).

Frederick Douglass nasceu escravo como Frederick Augustus Washington Bailey, perto de Easton, no condado de Talbot, Maryland. A região em que ele nasceu e cresceu é banhada pela Baía de Chesapeake, que faz a divisa dos estados de Virgínia e Maryland. Essa parte do país é chamada “Upper South”, a parte mais ao norte dos estados sulistas. Easton fica a cerca de 100 km em linha reta de Baltimore, maior cidade do estado de Maryland. Está muito mais próxima da capital norte-americana, Washington (menos de 130 km

por via terrestre, atualmente), e da Filadélfia (180 km) do que das grandes cidades do sul escravocrata, como Richmond (290 km), Charlotte (750 km) ou Atlanta (1.140 km). Mesmo New York (320 km) está razoavelmente próxima.

Ele não tinha certeza do ano exato de seu nascimento, mas sabia que era 1817 ou 1818. Viveu na fazenda em que nasceu até a idade de 7 ou 8 anos, quando foi enviado a Baltimore, para ser criado doméstico. Lá aprendeu a ler e a escrever, com a ajuda da esposa de seu senhor. Após sete anos na cidade, foi enviado de volta para a fazenda, depois arrendado para trabalhos braçais em fazendas vizinhas pelos anos seguintes. Em 1838, em sua segunda tentativa de fuga, escapou do cativeiro e foi para Nova York; casou-se com Anna Murray, uma negra livre que ele havia conhecido em Baltimore. Em seguida morou por três anos em New Bedford, fazendo toda sorte de trabalhos braçais. Mudou seu nome para Frederick Douglass.

Em 1841, falou em uma convenção da Sociedade Abolicionista de Massachusetts, em Nantucket. Impressionou tanto o grupo que eles imediatamente o contrataram como agente abolicionista. Ele era um orador tão articulado que muitas pessoas duvidavam de que ele havia sido escravo algum dia. Escreveu e publicou a *Narrative of the Life of Frederick Douglass*, em 1845, aproveitando sua experiência de quatro anos como orador da Sociedade Abolicionista.

Com a revelação de que era um escravo fugido, Douglass temia ser capturado e levado de volta à escravidão. Por isso foi para a Inglaterra, onde ficou por dois anos, dando palestras em apoio ao movimento abolicionista. Em 1847 ele soube que seu senhor queria vendê-lo por pouco mais de 700 dólares. Seus amigos britânicos levantaram a soma e compraram sua liberdade. Assim, ele voltou aos Estados Unidos, em 1847, como homem livre.

Estabeleceu-se em Rochester, estado de Nova York, onde publicou o jornal abolicionista *The North Star*. Lá ele ajudava a manter a “ferrovia subterrânea”, que contrabandeava escravos fugidos para o

norte dos Estados Unidos e para o Canadá. Editou outros dois jornais: *The Frederick Douglass Papers* e *The Douglass Monthly*. Também se esforçava para acabar com a segregação nas escolas públicas de Rochester e região.

Durante a Guerra Civil (1860-1865), estimulou a criação de batalhões de soldados negros e ajudou a recrutar negros para o 54º e o 55º regimentos de Massachusetts. Seus dois filhos alistaram-se como soldados. Essa foi uma iniciativa pioneira e, possivelmente, um dos vetores para o desfecho do conflito, com a abolição da escravidão, em 1863. Advogou pela emancipação dos soldados escravos. Depois da guerra, foi ativo em assegurar e proteger os direitos dos libertos. Ele se tornou um líder abolicionista e manteve intensa atividade política até o fim de sua longa vida, apoiando causas como o movimento pelos direitos das mulheres. Considerado fundador do movimento por direitos civis nos Estados Unidos, foi consultor de vários presidentes norte-americanos seguidos: Lincoln, Johnson, Grant, Hayes, Garfield e Arthur. Em seus últimos anos ocupou cargos diplomáticos, como o de Ministro dos Estados Unidos para o Haiti, então recém-criado, após a sangrenta revolução.

Além da *Autobiografia*, suas outras obras autobiográficas são *My Bondage and My Freedom* (1855) e *Life and Times of Frederick Douglass* (1881), além de milhares de páginas de discursos. Morreu em 1895, aos 77 anos.¹ Seus talentos de orador, escritor e editor – ao lado de sua atuação como político radical que se batia pelos direitos dos negros – o colocam como uma das grandes personalidades norte-americanas do século XIX.

A *Autobiografia* narra o período de vida do autor como escravo até sua fuga, em 1838, e seus primeiros momentos como homem livre – além de incluir suas observações sobre o que ouviu de colegas de cativeiro e de seus senhores. Apesar da carga dramática dos eventos, o estilo de Douglass é contido. Evita cair no sentimentalismo. Os fatos narrados já são dramáticos e incômodos o bastante. O prefácio

original do livro, escrito por Lloyd Garrison, ao contrário, é muito mais emotivo, sensacionalista; apela para o coração do leitor. Para Douglass, era a narrativa de sua vida, com suas dificuldades e dramas, culminando na fuga para a liberdade. Para o prefaciador, era um manifesto, uma oportunidade para chamar a atenção para a causa do abolicionismo. Por isso deslocamos o texto de Garrison para o final, como texto adicional.

Os escritos de Douglass – suas autobiografias, as centenas de discursos e palestras, que eram impressos em diversos jornais em todo o país – foram lidos por gerações de cidadãos, intelectuais e políticos envolvidos com o movimento abolicionista no mundo todo. Por isso são considerados entre os principais documentos que alimentaram o movimento abolicionista nos Estados Unidos. O mais conhecido desses escritos, a *Autobiografia* que ora traduzimos, foi originalmente publicado cerca de 20 anos antes da abolição da escravidão em seu país. O livro de Douglass foi uma peça importante na divulgação do sentimento antiescravista e no convencimento de pessoas que poderiam auxiliar na luta pela abolição. Tem a particularidade de ter sido escrito durante a vigência do regime escravagista nos Estados Unidos. Fazia sentido não apenas como memória de um ex-escravo, mas também como documento participante, como manifesto catalizador para pessoas e instituições que viram no testemunho de Douglass um incentivo para incrementar suas ações em busca do fim da escravidão.

Outros textos abolicionistas tiveram grande impacto, como o romance *Uncle Tom's cabin* (*A cabana do Pai Tomás*), de Harriet Beecher Stowe, publicado em 1852. Mas, ao contrário do romance de Harriet Stowe, o livro de Douglass é testemunho direto, de primeira mão, não apenas dos horrores da escravidão, mas também da capacidade positiva dos negros: Douglass, muito articulado e excelente orador, com ótima presença de palco e evidente carisma, era demonstração viva de que os negros eram tão inteligentes e capazes

quanto os brancos. Sim, havia (como ainda há) quem tivesse dúvidas disso. As teses vigentes da supremacia branca e do darwinismo racial que dominavam naquele período continuam tendo aceitação por uma parcela da população atual.

A *Autobiografia* de Douglass faz parte da tradição de “narrativas de escravos” nos Estados Unidos, conjunto de escritos bastante numeroso, muito popular e influente, que forma um gênero literário no país. Esse tipo de narrativa é inexistente no Brasil. Uma das razões para essa diferença é o fato de que a circulação de livros e outros impressos era muito limitada no Brasil até o fim do século XIX; a impressão de livros, jornais, panfletos, cartazes ou manifestos era proibida por lei até 1808, quando da chegada da família real, que fugia da invasão do exército de Napoleão Bonaparte. Nem os proprietários de terras e donos de escravos eram leitores, mesmo quando alfabetizados. Esse panorama é bem diferente nos Estados Unidos, onde havia estímulo à educação básica da população branca em quase todo o território. Livros, cartilhas, manuais, jornais, manifestos e os mais variados impressos circulavam livremente, como testemunha o autor da narrativa.

Um escravo ou negro liberto alfabetizado era raro nos Estados Unidos. Ensinar um escravo a ler e escrever era proibido por lei em quase todos os estados. Mas as crianças brancas eram alfabetizadas. Os adultos liam, possuíam livros. Os escritos circulavam, faziam parte do ambiente. No Brasil, nem isso. A “república das letras”, de que fala Antonio Candido em sua *Formação da literatura brasileira*, não é uma coisa bem estabelecida no Brasil nem no século XX, que dirá em séculos anteriores. Não havia um número expressivo de leitores e, em parte por esse motivo, não havia mercado editorial no Brasil no século XIX.²

A atualidade do relato de Douglass é nítida para todos que o leem. Sua narrativa sóbria e elegante sobrevive como testemunho e como peça literária. Os males inerentes à instituição da escravidão são

descritos e analisados de forma que não reste dúvida quanto a seu caráter negativo, afetando toda a sociedade em que ela é adotada e influenciando em outras instituições, como a política e a religião.

Douglass usou todos os recursos de que dispunha para promover a igualdade entre os grupos étnicos – não apenas com seus escritos, discursos e palestras, mas também com a divulgação da imagem de negros – a sua própria imagem e a de outros escravos e ex-escravos. Segundo levantamento de pesquisadores, Douglass é o norte-americano mais fotografado no século XIX.³ Ele usava conscientemente a força das imagens: encarava a câmera com seriedade e certo desafio. Incentivava a divulgação de fotografias de negros libertos e escravos como forma de combater as imagens negativas, estereotipadas, de negros.

A imagem negativa de negros foi construída ao longo de todo o período de vigência da escravidão. Negar a inteligência e mesmo a humanidade dos negros era uma das maneiras de justificar sua escravização. Entre as imagens negativas e os estereótipos de negros estão os que foram criados e difundidos pelas caricaturas impressas e pelo *black face* de comediantes e atores, como a imagem do negro dançarino representado na canção “Jumping Jim Crow”, de 1828. Popularizada pelo comediante T. D. Daddy, a canção e sua imagem ridicularizadora dos negros eram tão conhecidas que deram nome ao conjunto da legislação segregacionista que vigorou principalmente no sul dos Estados Unidos por mais de 100 anos (de 1865 a 1968), prolongando os males da escravidão com outro nome.

Apesar de a Guerra Civil ser considerada a “segunda fundação” dos Estados Unidos, ela não traz a plena inclusão dos negros e indígenas no “contrato social” da nação. Não se muda de uma hora para outra a mentalidade de toda uma população que manteve o regime de escravidão por dois séculos e meio. As dificuldades da população negra liberta não acabaram, mas continuaram por décadas. Assim como no Brasil, as restrições de acesso à plena cidadania continuaram,

seja na forma de leis e regulamentos, seja na prática cotidiana – com desdobramentos visíveis até os dias de hoje. A dificuldade dos ex-escravos para começar sua vida como homens livres era enorme. Várias promessas de apoio para essa transição de escravos a homens livres não foram cumpridas pelo governo após a abolição.

Essa falta de apoio é uma constante. Relatamos alguns exemplos:

- A distribuição de terra para famílias de ex-escravos: 40 acres e uma mula para cada ex-soldado. O Freedman's Bureau, agência do governo federal que buscava criar e estimular meios de integração dos ex-escravos na sociedade que emergia da Guerra Civil, funcionou somente até 1872; distribuiu terras abandonadas ou confiscadas durante a guerra civil para ex-escravos. Mas essas terras foram devolvidas aos ex-donos por ordem do presidente Johnson. A partir de então, os negros só tinham acesso a terra como meeiros ou rendeiros, que dificilmente conseguiam gerar alguma renda com seu trabalho;⁴
- O *Homestead Act* (Lei do Povoamento), de 1862: estimula a ocupação de terras a oeste do rio Mississippi, sem escravidão, com grande investimento público (estradas, ferrovias, escolas, financiamento), mas a cessão de terras era vedada a negros até 1866. Mesmo depois, as restrições limitaram a ocupação por famílias negras;
- Negros eram presos por “vadiagem” ou qualquer motivo e levados a trabalhos forçados, às vezes nas fazendas em que viveram como escravos; a municipalidade recebia remuneração dos fazendeiros;
- Os soldados norte-americanos que lutaram na Primeira Guerra Mundial tiveram estímulos para retomar suas vidas

após a volta aos Estados Unidos, mas esses benefícios não se estenderam aos soldados negros;

- Além da violência cotidiana contra indivíduos negros, há centenas de casos de ataques organizados por supremacistas brancos contra famílias e grupos de negros, com apoio ou leniência do poder público: bombas, tiros, incêndios. Alguns dos maiores massacres: Saint Louis, 1917 (+ 250 mortos); Arkansas, 1919 (+ 200 mortos); Tulsa, 1921 (+ 300 mortos);
- Durante a Grande Depressão, o governo federal lançou programa de estímulo para a compra de imóveis para famílias de baixa renda, mas os financiamentos eram vetados para negros;
- Os veteranos da Segunda Guerra Mundial foram contemplados com ofertas de financiamento de casas em condições especiais, mas, novamente, esses financiamentos não eram oferecidos aos soldados negros. Essas regras restritivas só foram suspensas após a aprovação da Lei de Habitação, de 1968, última grande peça de legislação aprovada para acabar com a discriminação *legal*.

Tudo somado, podemos dizer que a escravidão nos Estados Unidos (e no Brasil) foi abolida, mas o racismo que a produziu e foi por ela alimentado não desapareceu, ao contrário: evoluiu e se adaptou às novas realidades.

O texto que usamos como base para a tradução é da edição de 1852, publicada em Londres por G. Kershaw and Son. Cotejamos com a edição de 1845 e não há diferenças expressivas, apenas pequenas correções e a exclusão do prefácio.

No original, os capítulos não têm títulos, apenas números. Acrescentamos títulos para facilitar a localização do fluxo da história.

Os textos bíblicos são citados na tradução consagrada de João Ferreira de Almeida. Além das citações diretas, Douglass adota um estilo influenciado pela leitura da Bíblia.

Os poemas foram traduzidos por Guilherme Gontijo Flores.

Oséias Silas Ferraz

LIVROS

A cabana do Pai Tomás (Uncle Tom's Cabin), de Harriet Beecher Stowe (Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Melhoramentos, 1955).

Doze anos de escravidão (Twelve Years a Slave), de Solomon Northup. (Tradução de Caroline Chang. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2014.)

As almas da gente negra (The Soul of Black Folk), de William E. B. du Bois. (Tradução de Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda, 1998.)

Up from Slavery (Saindo da escravidão), de Booker Washington. (New York: Dover, 1995.)

E o vento levou... (Gone with the Wind), de Margareth Mitchell, uma visão sulista do período da Reconstrução. (Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020).

As marcas da escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos, de Heloisa Toller Gomes. (Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.)

Declaração de Independência: uma história global, de David Armitage. (Tradução de Angela Pessoa. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.)

The Underground Railroad: os caminhos para a liberdade, de Colson Whitehead. (Tradução de Caroline Chang. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017.)

Frederick Douglass, Prophet of Freedom, de David W. Blight (Simon & Schuster, 2018. A mais ampla biografia de Douglass, utilizando documentos inéditos).

Imagens – legendas das fotos

- Douglass jovem
- Douglass em 1852 [imagem da capa]
- Anna Murray Douglass
- Cartaz/anúncio de escravo fugido [tem no verbete sobre escravidão em NY]
- Baía de Chesapeake (compõe parte da fronteira entre Maryland, Virgínia e Delaware)
- David Ruggles
- William Lloyd Garrison
- Harriet Tubman
- Sojourner Truth
- Margareth Gardner [*oil painting*]: escravos em fuga, com seus filhos; quando capturados pelos agentes, ela corta a garganta de sua filha e é imobilizada pelos agentes antes que conseguisse fazer o mesmo com os dois filhos.



Library of Congress via Wikimedia Commons

Harriet Tubman (c. 1822-1913), nascida escrava, fugiu e depois ajudou dezenas de pessoas no caminho da Liberdade, ajudando a manter a Ferrovia Subterrânea. Ativista pelos direitos civis e das mulheres.

Infância e vida escrava

Nasci em Tuckahoe, perto de Hillsborough, a cerca de 12 milhas de Easton, no condado de Talbot, Maryland. Não tenho conhecimento preciso de minha idade, nunca vi qualquer registro autêntico que a contivesse. A maior parte dos escravos sabe tão pouco de sua idade quanto os cavalos sabem a deles, e é o desejo da maioria dos senhores que conheço manter seus escravos ignorantes. Não me lembro de ter alguma vez encontrado um escravo que pudesse dizer o dia de seu aniversário. Eles raramente chegam mais próximo dele do que na época de plantio, na época da colheita, na época da cereja, na primavera ou no outono. A falta de informação a respeito de meu próprio aniversário era uma fonte de infelicidade para mim até mesmo durante minha infância. As crianças brancas podiam contar sua idade. Eu não conseguia entender por que eu deveria ser privado do mesmo privilégio. Não me era permitido fazer qualquer pergunta a meu senhor a esse respeito. Ele considerava todas essas perguntas da parte de um escravo impróprias e impertinentes, e evidência de um espírito inquieto. A estimativa mais próxima que posso dar diz que, atualmente, tenho entre 27 e 28 anos. Chego a isso por ter ouvido meu senhor dizer, por volta de 1835, que eu tinha cerca de 17 anos.

Minha mãe se chamava Harriete Bailey. Ela era filha de Isaac e Betsey Bailey, ambos de cor,⁶ e bastante escuros. Minha mãe era de compleição mais escura do que minha avó e meu avô.

Meu pai era um homem branco. Suponho que ele o fosse por tudo que ouvi a respeito de meu parentesco. Também era sussurrada a opinião de que meu senhor era meu pai; mas da correção dessa opinião eu nada sei; os meios de sabê-lo me foram negados. Minha mãe e eu fomos separados quando eu era apenas um bebê – antes de

acordado na aurora do dia pelos gritos mais angustiantes de uma tia minha, a quem ele costumava amarrar a uma trave e chicotear as costas até que ela estivesse literalmente coberta de sangue. Nenhuma palavra, ou lágrima, ou prece, ou sangramento de sua vítima parecia demover seu coração de ferro de seu propósito sangrento. Quanto mais alto ela gritava, tanto mais forte ele chicoteava; e onde o sangue corresse mais rápido era onde ele mais chicoteava. Ele a chicoteava para fazê-la gritar, e chicoteava-a para que ela se calasse; e só quando tomado pelo cansaço ele parava de brandir a chibata coberta de sangue. Lembro-me da primeira vez que assisti a essa horrível exibição. Eu era apenas uma criança, mas me lembro muito bem. Eu nunca a esquecerei enquanto eu me lembrar de alguma coisa. Foi a primeira de uma longa série de tais ultrajes, dos quais eu estava fadado a ser testemunha e participante. Atingiu-me com sua força incrível. Era o portão ensanguentado, a entrada do inferno da escravidão que eu estava prestes a ultrapassar. Foi um espetáculo terrível. Como eu gostaria de poder passar para o papel os sentimentos com que eu o presenciei.

Esse evento aconteceu pouco depois de eu ter ido morar com meu antigo dono, e sob as circunstâncias seguintes. Tia Hester saiu uma noite – aonde e para quê eu não sei – e aconteceu de estar ausente quando meu senhor desejou sua presença. Ele ordenara a ela que não saísse à noite, e a alertara para que nunca o deixasse apanhá-la na companhia de um jovem que estava dando atenção a ela, e que pertencia ao Coronel Lloyd. O nome do jovem era Ned Roberts, geralmente chamado Ned do Lloyd. O motivo de o senhor ter estado com tantos cuidados com ela pode ser deixado tranquilamente para conjecturas. Ela era uma mulher de formas nobres e de proporções graciosas, tendo poucas similares e poucas superiores em aparência, entre as mulheres de cor ou brancas de nossa vizinhança.

Tia Hester não apenas desobedecera às ordens de não sair, como também fora encontrada na companhia de Ned do Lloyd,

a maior parte deles tendo de fazer sua lavagem de roupas, consertos, comida, e tendo pouco ou nenhum dos equipamentos normais para fazer qualquer dessas coisas, muitas de suas horas de sono são consumidas na preparação para o serviço de campo do dia seguinte; e quando isso está pronto, velhos e jovens, homens e mulheres, casados e solteiros, caem lado a lado, na cama comum – o chão frio e úmido –, cada um cobrindo a si mesmo ou a si mesma com seus cobertores miseráveis; e ali eles dormem até que são chamados ao campo pela corneta do feitor. Ao soar desse som, todos devem se levantar e partir para o campo. Não deve haver demora; todos devem estar em seu posto; e ai daqueles que não ouvirem esses chamados ao campo; pois se não forem acordados pela audição, serão pelo tato: idade ou sexo não servem de abrigo. O Sr. Severe, o capataz, costumava ficar na porta do barracão, armado com um bastão de noqueira e um pesado couro de boi, pronto para golpear qualquer um que fosse infeliz o bastante para não ouvir, ou que, por qualquer outro motivo, fosse impedido de estar pronto para ir ao campo ao som da corneta.

O Sr. Severe tinha um nome apropriado: ele era um homem cruel. Eu o vi chicotear uma mulher, fazendo o sangue correr por meia hora; e isso ainda na frente de seus filhos, implorando para que sua mãe fosse solta. Ele parecia ter prazer em mostrar sua barbaridade demoníaca. Além da crueldade, ele era um blasfemador profano. Ouvi-lo falar era o bastante para esfriar o sangue e arrepiar os cabelos de um homem comum. Raramente ele deixava escapar uma frase que não começasse ou terminasse com alguma maldição horrível. O campo era o lugar para testemunhar sua crueldade e profanidade. Sua presença fazia da *plantation* o campo do sangue e da blasfêmia. Do nascer ao pôr do sol ele estava xingando, discutindo, amaldiçoando e chicoteando em meio aos escravos do campo, da maneira mais assustadora. Sua carreira foi curta. Ele morreu logo após minha chegada à propriedade do Coronel Lloyd; e morreu como viveu, soltando, com seus gritos de agonia, pragas e palavrões horrorosos.

A casa-grande do Coronel Lloyd

O Coronel Lloyd mantinha um grande pomar, muito bem cuidado, que fornecia trabalho constante para quatro homens, além do jardineiro-chefe (Sr. M'Durmond). Esse pomar era provavelmente a maior atração do lugar. Durante os meses de verão, vinham pessoas de perto e de longe – de Baltimore, Easton e Annapolis – para vê-lo. Era abundante em frutas de quase toda descrição, das duras maçãs do norte às delicadas laranjas do sul. Esse pomar não era a menor fonte de problemas na *plantation*. Seus excelentes frutos eram uma bela tentação para o enxame de garotos famintos, assim como para os escravos mais velhos que pertenciam ao coronel, poucos dos quais tinham a virtude ou o vício de resistir. Durante o verão, raramente se passava um dia sem que um escravo levasse umas lambadas por roubar frutas. O coronel tinha de apelar para todo tipo de estratagemas para manter os escravos fora do pomar. O último e mais bem-sucedido foi o de espalhar alcatrão sobre toda a cerca; depois disso, se um escravo fosse apanhado com qualquer marca de alcatrão sobre sua pessoa, era considerado prova suficiente de que ou ele havia estado no pomar ou havia tentado entrar nele. Em qualquer dos casos, seria chicoteado severamente pelo encarregado do pomar. Esse plano funcionou bem; os escravos tomaram tanto medo do alcatrão quanto tinham do chicote. Parecem ter percebido a impossibilidade de tocar alcatrão sem ser aviltado.

O coronel mantinha também um esplêndido equipamento de montaria. Seu estábulo e sua garagem de carruagens tinham a aparência de alguns de nossos maiores estabelecimentos das grandes cidades. Seus cavalos tinham a melhor forma e o sangue mais nobre.

mais homem. Os escravos do Coronel Lloyd vangloriariam sua capacidade de comprar e vender Jacob Jepson. Os escravos do Sr. Jepson vangloriariam sua capacidade de chicotear o Coronel Lloyd. Essas disputas terminavam quase sempre com uma briga entre as partes, e aqueles que chicoteavam supunham ter ganhado a parada. Pareciam pensar que a grandeza de seus senhores era transferível para eles mesmo. Consideravam ruim o bastante ser um escravo; mas ser o escravo de um homem pobre era considerado uma verdadeira desgraça!

não é tratado como um crime, nem pelas cortes nem pela comunidade. O Sr. Thomas Lanman, de St. Michael's, matou dois escravos; um deles foi morto com uma machadinha, arrancando seu cérebro. Ele costumava vangloriar-se de seu ato terrível e sangrento. Eu o ouvi fazendo isso, rindo muito, dizendo, entre outras coisas, que ele era o único benfeitor de seu país na comunidade e que quando outros fizessem como ele havia feito, nós ficaríamos livres dos “pretos malditos”.

A esposa do Sr. Giles Hicks, que morava a pequena distância de onde eu morava, assassinou a prima de minha esposa, uma jovem entre 15 e 16 anos, esmagando seu corpo da maneira mais horrível, quebrando seu nariz e peito com um taco, de forma que a pobre menina expirou poucas horas depois. Ela foi sepultada imediatamente, mas não ficou em sua sepultura prematura mais do que algumas horas antes de ser retirada e examinada pelo legista, que concluiu que ela havia morrido devido a severo espancamento. A falta pela qual essa menina foi assassinada foi esta: ela havia sido escalada naquela noite para tomar conta do bebê da Sra. Hicks, e durante a noite ela adormeceu e o bebê chorou. Ela, tendo sido privada de descanso por várias das noites anteriores, não ouviu o choro. Estavam ambos no quarto com a Sra. Hicks. Ela, achando a menina muito lerda, pulou da cama, pegou um pedaço de madeira na lareira e com ele quebrou o nariz e o osso do peito da menina, acabando assim com sua vida. Eu não direi que esse crime brutal não produziu qualquer sensação na comunidade. Ele produziu sensação, mas não o bastante para levar a assassina a uma punição. Foi emitido um mandado para sua prisão, mas nunca foi cumprido. Assim ela escapou não apenas à punição, mas até mesmo à dor de ser trazida perante uma corte por seu crime horrível.

Como estou detalhando atos sangrentos que aconteceram durante minha estada na fazenda do Coronel Lloyd, narrarei rapidamente

séria em minha partida. Minha casa era desprovida de charme; não era um lar para mim; ao partir de lá, eu não sentia que estava deixando qualquer coisa que eu poderia ter desfrutado caso ficasse. Minha mãe estava morta, minha avó morava bem longe, de forma que eu pouco a via. Eu tinha duas irmãs e um irmão que moravam na mesma casa comigo; mas a separação de nossa mãe em tenra idade havia quase apagado o fato de nosso parentesco de nossas memórias. Eu procurava um lar em outro lugar e estava confiante de que não encontraria nenhum que me desse menos prazer do que aquele que eu deixava. Se, no entanto, eu encontrasse em meu novo lar dureza, fome, chicoteamento e nudez, eu tinha o consolo de que eu não teria escapado a nenhum deles caso tivesse ficado.

Tendo experimentado mais do que um gostinho deles na casa de meu antigo senhor, e tendo-os suportado ali, deduzi muito naturalmente minha habilidade para suportá-los em outro lugar, e especialmente em Baltimore; pois eu tinha algo da sensação acerca de Baltimore que é expresso no provérbio que diz “ser enforcado na Inglaterra é preferível a morrer de morte natural na Irlanda”. Eu desejava muito ver Baltimore. O primo Tom, embora não tivesse um discurso fluente, inspirara-me esse desejo com sua descrição eloquente do lugar. Eu não poderia apontar nada da Casa-Grande, não importa quão belo ou impressionante, que ele não tivesse visto algo em Baltimore que excedia, tanto em beleza como em força, o objeto que eu havia mostrado a ele. Até mesmo a Casa-Grande, com todos os seus quadros, era muito inferior a muitas construções em Baltimore. Tão forte era meu desejo que eu pensava que, ao satisfazê-lo, isso compensaria em muito qualquer perda de conforto que eu pudesse sofrer com a mudança. Parti sem remorsos, e com as mais altas esperanças de felicidade futura.

Velejamos de Miles River para Baltimore numa manhã de sábado. Só me lembro do dia da semana, pois naquela época eu não tinha conhecimento dos dias do mês nem dos meses do ano. Ao levantar

de um demônio. Assim é a escravidão: inimiga tanto do escravo quanto do escravagista.

Logo depois que fui morar com o Sr. e a Sra. Auld, ela começou muito gentilmente a me ensinar o ABC. Depois que eu o havia aprendido, ela me ensinou a soletrar palavras de três e quatro letras. Nesse ponto de meu progresso, o Sr. Auld descobriu o que estava acontecendo e de imediato proibiu a Sra. Auld de continuar me ensinando, dizendo a ela, entre outras coisas, que era ilegal, e também inseguro, ensinar um escravo a ler. Para usar suas próprias palavras, ele disse ainda: “Se você dá a um preto um dedo, ele vai querer o braço. Um negro não deve saber nada além de obedecer a seu senhor – fazer o que lhe mandam. Aprender vai estragar o melhor preto no mundo. Agora”, disse ele, “se você ensinar aquele preto (falando de mim) a ler, nada mais poderá detê-lo. Isso o tornaria inapto a ser escravo. Ele se tornaria inadmissível e sem qualquer valor para seu senhor. E para ele mesmo não faria nenhum bem, mas uma grande dose de mal. Isso o faria descontente e infeliz”.

Essas palavras calaram fundo em meu coração, despertaram sensações interiores que estavam adormecidas e fizeram surgir uma forma de pensar inteiramente nova. Era uma revelação nova e especial, que explicava coisas obscuras e misteriosas, com as quais meu entendimento infantil havia lutado, mas lutado em vão. Agora eu compreendi o que havia sido para mim uma dificuldade que me deixava perplexo – entender o poder do homem branco para escravizar o homem negro. Era um grande feito, e eu o tinha em alta conta. A partir daquele momento, entendi o caminho da escravidão para a liberdade. Era só o que eu queria, e eu o obtive no momento em que menos esperava. Embora eu ficasse triste ao pensar em perder a ajuda de minha gentil senhora, fiquei alegre com a lição impagável que eu recebera de meu senhor, por mero acaso. Embora consciente da dificuldade de aprender sem um professor, eu saí com altas esperanças e um propósito fixo de, a qualquer custo em problemas,

coração tornou-se pedra, e a feição de ovelha deu lugar para a ferocidade tigresca. O primeiro passo em seu caminho para baixo foi parar de me ensinar. Agora ela começou a praticar os preceitos de seu marido. Ela finalmente tornou-se ainda mais violenta em sua oposição do que o próprio marido. Ela não ficava satisfeita em simplesmente fazer tão bem quanto ele havia mandado; ela parecia ansiosa para fazer ainda melhor. Nada parecia deixá-la mais irritada do que me ver com um jornal. Ela parecia pensar que ali morava o perigo. Eu a vi correr para mim com um rosto todo em fúria e tomar de mim um jornal, de uma maneira que revelava totalmente sua preocupação. Ela era uma mulher inteligente, e uma pequena experiência logo demonstrou, para sua satisfação, que educação e escravidão eram incompatíveis entre si.

A partir dessa época eu era vigiado de forma mais próxima. Se eu ficava em um cômodo separado por qualquer extensão de tempo, eu era suspeito de certamente estar com um livro e era chamado imediatamente a dar por minha presença. Tudo isso, no entanto, foi tarde demais. O primeiro passo havia sido dado. A senhora, ao me ensinar o alfabeto, havia me dado o *dedo*, e nenhuma precaução poderia evitar que eu tomasse o *braço*.

O plano que adotei e que foi o mais bem-sucedido era o de fazer amizade com todos os meninos brancos pequenos que eu encontrava na rua. Dos que consegui, converti todos em professores. Com sua ajuda gentil, obtida em tempos e lugares diferentes, eu finalmente consegui aprender a ler. Quando eu era mandado para realizar alguma tarefa, sempre levava meu livro comigo, e, fazendo a tarefa rapidamente, encontrava tempo para estudar uma lição antes de meu retorno. Eu costumava também levar pão comigo, do qual havia sempre o bastante na casa, e ao qual eu era sempre bem-vindo; pois eu era muito melhor provido dele do que muitas das pobres crianças brancas de minha vizinhança. Esse pão eu usava para presentear os pequenos moleques, os quais, em troca, me dariam o ainda mais valioso pão do conhecimento. Fico extremamente tentado a dar o

pareceu ficar muito afetado pela declaração. Ele disse ao outro que era uma pena que um menino tão simpático como eu devesse ser um escravo a vida toda. Ele disse que era uma vergonha manter-me assim. Ambos me aconselharam a fugir para o norte; que lá eu haveria de encontrar amigos, e que eu seria livre. Fingi não estar interessado no que eles disseram e os tratei como se não os tivesse compreendido; pois eu temia que eles pudessem ser traiçoeiros. Sabia-se de homens brancos que encorajavam escravos a fugir e, então, para ganhar a recompensa, capturavam-nos e os devolviam a seus senhores. Eu temia que esses homens que pareciam bons pudessem me usar assim; mas ainda assim eu me lembrei de seu conselho, e a partir daquele momento resolvi fugir. Eu ansiava por um tempo em que fosse seguro escapar. Eu era muito jovem para pensar em fazê-lo imediatamente; além do mais, eu gostaria de aprender a escrever, pois eu poderia ter oportunidade de escrever meu próprio passe. Eu me consolava com a esperança de que eu deveria encontrar uma boa chance, um dia. Enquanto isso, eu aprenderia a escrever.

A ideia de como eu poderia aprender a escrever me foi sugerida estando no estaleiro de Durgin e Bailey, e muitas vezes ver os carpinteiros, após serrar uma peça e prepará-la para uso, escrever no pedaço de madeira o nome da parte do navio para a qual a peça se destinava. Quando uma peça de madeira era destinada ao lado de bombordo, ela seria marcada assim – B. Quando uma peça era destinada ao lado de estibordo, ela seria marcada então – E. Uma peça para a parte dianteira de bombordo seria então marcada – D. B. Quando uma peça era para a dianteira de estibordo, seria marcada assim – D. E. Para a popa a bombordo, seria marcada assim – P. B. Para a popa de estibordo, seria marcada assim – P. E. Logo aprendi o nome dessas letras e para o que serviam quando colocadas num pedaço de madeira no estaleiro. Comecei imediatamente a copiá-las, e em curto espaço de tempo eu era capaz de fazer as quatro letras mencionadas. Depois disso, quando encontrava qualquer garoto que

que o sangue jorrasse de seu nariz e orelhas – era calculado para me deixar ansioso quanto a meu destino. Depois que ele cometeu esse ultraje contra meu irmão, ele se virou para mim e disse que essa era a maneira como ele queria me tratar um dia desses – querendo dizer, suponho, quando eu viesse a ser sua propriedade.

Graças a uma providência gentil, fiquei na cota de Dona Lucretia, e fui mandado imediatamente para Baltimore, para morar de novo com a família do Sr. Hugh. A alegria deles com meu retorno igualou sua tristeza quando de minha partida. Foi um dia feliz para mim. Escapei das mandíbulas de algo pior do que um leão. Estive ausente de Baltimore, para os fins da avaliação e divisão, por apenas um mês, mas parecia que haviam sido seis.

Logo após meu regresso a Baltimore, minha senhora, Lucretia, morreu, deixando seu marido e uma filha, Amanda; e pouco tempo após sua morte, o Sr. Andrew morreu. Agora toda a propriedade de meu antigo senhor, escravos incluídos, estava nas mãos de estranhos – estranhos que não tinham nada a ver com sua acumulação. Nenhum escravo foi libertado. Todos permaneceram escravos, do mais jovem ao mais velho. Se algo em minha experiência, mais do que qualquer outro fato, serviu para aprofundar minha convicção do caráter infernal da escravidão, e para me encher de ódio inexprimível contra os senhores de escravos, foi sua vil ingratidão para com minha pobre e velha avó. Ela serviu meu mestre fielmente da juventude à velhice. Ela havia sido a fonte de toda a sua riqueza; ela povoou sua *plantation* com escravos; ela se tornou uma bisavó a seu serviço. Ela o embalou quando bebê, assistiu-o na infância, serviu-o por toda a sua vida, e na sua morte limpou de sua fronte branca o frio suor da morte e fechou seus olhos para sempre. Ela foi, no entanto, mantida escrava – uma escrava por toda a vida – uma escrava na mão de estranhos; e nas suas mãos ela viu seus filhos, seus netos e seus bisnetos divididos, como tantas ovelhas, sem ser contemplada com o simples privilégio de uma simples palavra acerca de seu destino. E, para encerrar o clímax de sua

Escravo de fazenda

Cheguei agora a um período de minha vida em que posso dar datas. Deixei Baltimore e fui morar com o Sr. Thomas Auld, em St. Michael's, em março de 1832. Havia agora mais de sete anos que eu vivera com ele na família de meu antigo senhor, na fazenda do Coronel Lloyd. Éramos agora, é claro, quase perfeitos estranhos um para o outro. Ele era para mim um novo senhor, e eu era para ele um novo escravo. Eu ignorava seu temperamento e sua disposição; ele igualmente os meus. Um breve espaço de tempo, no entanto, levou-nos a uma completa apresentação. Fui apresentado a sua esposa não menos do que a ele mesmo. Eles combinavam bem, sendo igualmente maus e cruéis. Eu era levado agora, pela primeira vez durante um espaço de mais de sete anos, a sentir as dolorosas contrações da fome – algo que eu não experimentara desde que deixara a fazenda do Coronel Lloyd. Era duro o bastante para mim então, quando eu não podia olhar para qualquer período em que eu tivesse desfrutado de abundância. Era 10 vezes pior depois de morar com a família do Sr. Hugh, onde eu sempre tivera o bastante para comer, e o que havia era bom. Eu disse que o Sr. Thomas era um homem mau. Ele era. Não dar a um escravo comida bastante é considerado como a mais grave demonstração da maldade mesmo entre senhores de escravos. A regra é, não importa quão ruim seja a comida, que pelo menos haja o bastante dela. Essa é a teoria; e na parte de Maryland de onde eu vinha, é a prática geral – embora haja muitas exceções. O Sr. Thomas não nos dava o bastante, nem de comida ruim nem de boa. Éramos quatro escravos na cozinha – minha irmã Eliza, minha tia Priscilla, Henny e eu. Tínhamos menos da metade de um alqueire de farinha

esta passagem da Escritura: “Aquele que sabe a vontade de seu senhor e não a executa será surrado com muitas correias”.

O senhor mantinha essa mulher lacerada amarrada nessa horrível situação por quatro ou cinco horas de cada vez. Sei de uma vez em que ele a amarrou de manhã bem cedo e a chicoteou antes do café da manhã; deixou-a, foi para sua loja, voltou para o jantar e a chicoteou de novo, cortando-a nos lugares deixados marcados com seu látigo cruel. O segredo da crueldade do senhor contra Henny pode ser visto no fato de ela ser quase imprestável. Quando muito criança, ela caiu no fogo e se queimou horrivelmente. Suas mãos eram tão queimadas que ela nunca conseguia usá-las direito. Ela não podia fazer muita coisa, exceto carregar pesados fardos. Ela era para ele uma lista de despesa, e, como ele era um homem mau, ela era uma ofensa constante para ele. Ele parecia desejoso de livrar a pobre menina de sua existência, e deu-a uma vez para sua irmã; mas, sendo um presente pobre, ela não se dispôs a mantê-la. Finalmente, meu benevolente senhor, para usar suas próprias palavras, “colocou-a na rua, para que tomasse conta de si mesma”. Aqui estava um homem recém-convertido, mantendo presa a mãe e ao mesmo tempo pondo para fora a pobre filha, para morrer de fome! O Sr. Thomas era um dos muitos escravagistas devotos que mantêm escravos para o propósito muito caridoso de “tomar conta deles”.

Meu senhor e eu tínhamos grande número de diferenças. Ele me achava inadequado para seu propósito. Minha vida urbana, ele dizia, tinha tido um efeito muito pernicioso sobre mim. Havia praticamente me arruinado para qualquer bom propósito e havia me preparado para tudo que era ruim. Uma de minhas maiores faltas era a de deixar seu cavalo fugir e partir para a fazenda de seu sogro, que ficava a umas cinco milhas de St. Michael's. Então eu era obrigado a ir atrás dele. Minha razão para esse tipo de falta de cuidado, ou de excesso de cuidado, era que eu podia quase sempre ganhar algo para comer quando ia lá. O senhor William Hamilton, sogro de meu dono,

dia saíamos para o campo com nossas equipes de enxada e arado. O Sr. Covey dava-nos bastante comida, mas mal nos dava tempo para comê-la. Com frequência levávamos menos de cinco minutos para fazer nossas refeições. Ficávamos no campo com frequência desde o raiar do dia até que seu último bruxuleante raio de luz nos deixasse; e na época de guardar a forragem, a meia-noite frequentemente nos encontrava no campo, amarrando feixes de folhas.

Covey nos acompanhava. A maneira como ele aguentava isso era esta: ele passava a maior parte de suas tardes na cama. Ele saíria então à noite, fresco e pronto para nos apressar com suas palavras, seu exemplo e frequentemente com o chicote. O Sr. Covey era um dos poucos senhores de escravos que sabia fazer e executava trabalhos com as mãos. Ele trabalhava duro. Ele sabia por si mesmo exatamente o que um homem ou um moleque podia fazer. Não havia como enganá-lo. O trabalho seguia em sua ausência quase tão bem como na sua presença; e ele tinha a faculdade de nos fazer sentir que ele estava sempre presente conosco. Ele fazia isso surpreendendo-nos. Ele raramente se aproximava abertamente do lugar em que trabalhávamos, se o podia fazer de forma secreta. Ele sempre desejava nos pegar de surpresa. Tamanha era sua astúcia que costumávamos chamá-lo, entre nós, “a cobra”. Quando estávamos trabalhando no milharal, ele se agachava em suas mãos e joelhos para evitar ser percebido e levantava-se de uma vez quase no meio de nós e gritava: “Ah! ah! Vamos lá, vamos lá! Movam-se, apressem-se!”. Sendo esse seu modo de ataque, nunca era seguro parar por um minuto sequer. Sua chegada era como a do ladrão na noite. Para nós, parecia que ele estava sempre presente. Estava sob cada árvore, atrás de cada toco, em cada arbusto, em cada janela na fazenda. Às vezes ele selava seu cavalo, como se fosse a St. Michael’s, uma distância de sete milhas, e meia hora depois você o veria trepado no canto da cerca, observando cada movimento dos escravos. Para esse propósito, ele deixava seu cavalo amarrado na mata. Novamente, ele às vezes vinha a nós e dava ordens

me lançarei à água. Essa baía mesma ainda vai me levar à liberdade. Os vapores viravam em curso nordeste no North Point. Eu farei o mesmo; e quando eu chegar à cabeceira da baía, deixarei minha canoa à deriva e caminharei através de Delaware até a Pensilvânia. Chegando lá, não precisarei portar um passe; posso viajar sem ser perturbado. Que venha a primeira oportunidade e, haja o que houver, eu fugirei. Enquanto isso, tentarei suportar a cangalha. Não sou o único escravo no mundo. Por que eu me afligiria? Posso suportar tanto quanto qualquer um deles. Além do mais, sou apenas um moleque, e todos os moleques pertencem a alguém. Pode ser que minha infelicidade na escravidão vá apenas aumentar minha felicidade quando eu me tornar livre. Dias melhores virão.”

Assim eu costumava pensar, e assim eu costumava falar comigo mesmo; levado quase à loucura num momento, e no momento seguinte reconciliando-me com meu destino infeliz.

Já declarei que minha condição foi muito pior nos primeiros seis meses de minha estada com o Sr. Covey do que nos últimos seis. As circunstâncias que levaram à mudança no trato que o Sr. Covey me dispensava compõem uma época marcante em minha humilde história. Viste como um homem foi feito escravo; verás como um escravo foi feito um homem. Em um dos dias mais quentes do mês de agosto de 1833, Bill Smith, William Hughes, um escravo chamado Eli e eu estávamos ocupados na moagem de trigo. Hughes estava removendo o trigo moído da parte da frente do moinho. Eli estava girando o moinho, Smith o estava alimentando e eu estava carregando trigo para o moinho. O trabalho era simples, requerendo mais força do que intelecto; ainda assim, para alguém não familiarizado com tal trabalho, era muito pesado. Por volta das 3 horas da tarde daquele dia, eu preguei; minhas forças falharam; fui pego por uma violenta dor de cabeça, acompanhada por intensa tontura; todo o meu corpo tremia. Percebendo o que acontecia, reuni minhas forças, pensando que nunca podia deixar o trabalho parar. Aguentei o quanto pude carregar

circunstâncias e ele gentilmente me convidou a ir para casa com ele. Fui para casa com ele e conversamos muito sobre o caso, e ele deu-me seu conselho sobre qual o melhor caminho a seguir. Encontrei em Sandy um velho conselheiro. Ele me disse, com grande solenidade, que eu deveria voltar para Covey; mas que antes eu deveria ir com ele em outra parte da mata, onde havia uma certa *raiz*, a qual, se eu levasse um pedaço dela comigo, portando-a *sempre em meu lado direito*, ela faria com que fosse impossível ao Sr. Covey, ou a qualquer outro homem branco, chicotear-me. Ele disse que a portava havia anos; e desde que o fazia, nunca mais recebeu uma pancada, nem esperava receber enquanto a tivesse. A princípio rejeitei a ideia de que o simples porte de uma raiz em meu bolso pudesse ter qualquer efeito desse tipo que ele disse, e não estava disposto a aceitar; mas Sandy afirmou a necessidade com muita seriedade, dizendo-me que não faria nenhum mal, caso não fizesse nenhum bem. Para satisfazê-lo, finalmente peguei a raiz e, de acordo com sua instrução, carreguei-a em meu lado direito. Isso foi na manhã de domingo. Parti imediatamente para casa; e ao entrar no portão do pátio, o Sr. Covey saiu a meu encontro. Falou comigo com muita gentileza, pediu-me para levar os porcos de um lugar próximo e passou em direção à igreja. Ora, essa conduta singular do Sr. Covey realmente me fez começar a pensar que havia mesmo algo na *raiz* que Sandy me havia dado; e se fosse em qualquer outro dia que não o domingo, eu não poderia ter atribuído a conduta a nenhuma outra causa que não fosse influência da raiz; e afinal eu estava meio inclinado a pensar que a *raiz* era algo mais do que a princípio eu pensei que era. Tudo correu bem até a manhã de segunda-feira. Nessa manhã, a virtude da *raiz* foi plenamente testada. Muito antes da aurora, fui chamado para ir escovar, limpar e alimentar os cavalos. Obedeci, e estava feliz por obedecer. Mas, enquanto me ocupava disso, enquanto me ocupava de jogar algumas folhas do sótão, o Sr. Covey entrou no estábulo com uma corda longa; e quando eu estava a meio caminho do sótão, ele

feriados servem como condutores, ou válvulas de escape, para afastar o espírito de rebelião da humanidade escravizada. Mas, por eles, o escravo seria forçado ao mais selvagem desespero; e desgraçado seja o senhor de escravos no dia em que ele remover ou diminuir a operação desses condutores! Eu o aviso que, em tal eventualidade, um espírito se levantará em seu meio, um que deve ser mais temido do que o mais terrível terremoto.

Os feriados formam parte da grande fraude, do mal e da desumanidade que é a escravidão. Eles são divulgados como um costume estabelecido pela benevolência dos senhores de escravos; mas eu me arrisco a dizer que é o resultado do egoísmo e uma das maiores fraudes cometidas contra o escravo oprimido. Eles dão esse tempo aos escravos não porque não queiram ter seu trabalho durante sua duração, mas porque sabem que seria inseguro privá-los disso. Isso pode ser visto pelo fato de que os senhores de escravos gostam que seus escravos passem esses dias de forma a estarem tão felizes com o seu fim como com o seu início. Seu objetivo parece ser desgostar os escravos com a liberdade ao estimulá-los às mais baixas profundezas da dissipação. Por exemplo, os senhores de escravos não apenas gostam de ver o escravo beber por sua própria conta, mas também adotam vários planos para fazê-lo ficar bêbado. Um plano é fazer apostas com seus escravos para ver quem consegue beber mais uísque sem ficar bêbado; e assim eles conseguem que uma multidão beba em excesso. Dessa forma, quando o escravo pede liberdade virtuosa, o astuto senhor de escravo, sabendo de sua ignorância, engana-o com uma dose de dissipação viciosa, espertamente rotulada com o nome de liberdade. A maior parte de nós costumava beber essa dose, e o resultado era o que se pode supor: muitos de nós éramos levados a pensar que havia pouca escolha entre liberdade e escravidão. Sentíamos, e muito a propósito, que podíamos tanto ser escravos do homem como do rum. Assim, quando os feriados chegavam ao fim, levantávamo-nos da sujeira de nossa chafurdação, dávamos um longo

os escravos não preferissem em relação a esse reverendo Sr. Hopkins. Mesmo assim, não havia um homem sequer na região que professasse mais religião ou que fosse mais ativo nos cultos, mais atento nas preleções, nos encontros de oração, na pregação e nas ceias, ou mais devotado à sua família; que orasse mais cedo, mais tarde, mais alto ou por mais tempo do que esse mesmo reverendo feitor de escravos, Rigby Hopkins.

Mas, voltando ao Sr. Freeland e para minha experiência quando empregado em sua propriedade. Ele, assim como o Sr. Covey, dava-nos comida bastante; mas, ao contrário do Sr. Covey, ele nos dava também o tempo suficiente para fazermos nossas refeições. Ele nos fazia trabalhar duro, mas sempre entre o nascer e o pôr do sol. Ele exigia uma boa parcela de trabalho a ser feito, mas nos dava ferramentas com as quais trabalhar. Sua fazenda era grande, mas ele empregava mãos bastantes para trabalhá-la, e com folga, comparado com muitos de seus vizinhos. Meu tratamento enquanto empregado com ele era o paraíso, comparado com o que eu experimentara nas mãos do Sr. Edward Covey.

O próprio Sr. Freeland era proprietário de apenas dois escravos. Os nomes deles eram Henry Harris e John Harris. O resto de sua mão de obra era arrendado. Estes consistiam de mim mesmo, Sandy Jenkins¹³ e Handy Caldwell.

Henry e John eram bastante inteligentes, e pouco tempo depois que cheguei ali, consegui despertar neles um forte desejo de aprender a ler. Esse desejo logo surgiu nos outros também. Logo eles conseguiram alguns velhos livros de ortografia e queriam por força que eu mantivesse uma escola sabática. Concordei em fazê-lo e assim dediquei meus domingos a ensinar esses meus amados companheiros de escravidão a ler. Nenhum deles sabia soletrar quando eu cheguei lá. Alguns dos escravos das fazendas vizinhas descobriram o que estava acontecendo e também se dispuseram a aproveitar essa pequena oportunidade para aprender a ler. Entre todos os que vinham havia a